



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE PROJETO MEMÓRIA ORAL

### IVONETI MONTEIRO DOS SANTOS

Hoje, 08 de junho de 2009, a Biblioteca Mário de Andrade realiza o depoimento da funcionária Ivoneti Monteiro dos Santos, que faz parte do corpo funcional da instituição desde 1981, para o Projeto Memória Oral, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner, e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

**Daisy Perelmutter:** Ivoneti, gostaríamos que você começasse o seu depoimento falando um pouquinho da sua trajetória familiar. A Bernadete já nos contou rapidamente, mas eu gostaria que você trouxesse as suas lembranças a partir da sua perspectiva.

**Ivoneti Monteiro dos Santos:** Eu me lembro que, com dois anos, nós morávamos na Vila Formosa. Antes nós morávamos na Vila Carrão e mudamos para a Vila Formosa. Na Vila Formosa meu pai adoeceu e minha mãe tinha assim... Não sei o porquê ou como ela gostava de Umbanda. Tinha um centro espírita em Osasco e ela achou que meu pai ia se curar lá, então ela comprou um terreno em Carapicuíba para ficar mais perto. Na verdade ele teve, sim, uma melhora, por isso fomos morar lá. Mas nós nascemos no Tatuapé, eu e a Bernadete. Até o nascimento da Geni, nós morávamos na Zona Leste. Minha mãe está lá até hoje, em Carapicuíba. Eu estudei lá, fiz o primeiro grau lá. Depois, fiz o segundo grau, sozinha. Fui prestar em Belo Horizonte, porque eu já estava casada, na Prefeitura, quando eu voltei a estudar. Eram muitos filhos e não tinha como. Você tem que parar cedo para ajudar.

Eu tenho muito orgulho da minha mãe, de ela ter sido batalhadora. Como empregada domestica, ela pôde criar sete filhos e pagar um terreno, porque o meu pai não tinha muito o pé no chão. E está lá até hoje numa casa grande, que é dela. Ela está sossegada, sai quando ela quer. E é isso...

**DP:** Quais são as suas memórias da vida escolar? Você foi até determinado momento, depois teve que iniciar o trabalho e mais tarde você retornou para finalizar os estudos.

**IM:** Eu me lembro dos meus amigos e dos professores. Amigos tinham poucos. Eu tenho amizade com uma até hoje e de vez em quando eu visito. Perdi uma há pouco tempo. Eu tenho saudades daquele tempo, não é como agora que... Você podia ir para o banheiro sossegada na escola. Não tinha essa preocupação de hoje, tinha umas brincadeiras sadias. Eu brincava de roda, pega-pega no meio da rua, entrava no mato, saía do mato, corrida de saco, corrida do ovo – todos esses valores que foram se perdendo. Com o avanço da informática e da tecnologia, as crianças não querem mais brincar, só querem ficar na frente do computador com esses jogos todos. É uma coisa que se perdeu, eu costumo dizer assim: as crianças hoje não vão ter história, elas não têm o que contar. Elas não vão falar assim: “A minha avó falava isso, no tempo dela era isso”. Elas não vão ter nada para falar para os filhos delas, não vão ter saudade de nada, nem de música. Eu gosto de música, mas eu não tinha que gostar de Luiz Gonzaga, de Moreno e Moreninho, Tonico e Tinoco, eu gosto porque minha mãe ouvia muito, meu pai ouvia muito, mas eu tenho músicas da minha época que eu gosto e tem músicas da época da minha mãe que eu também gosto. As crianças de hoje vão falar o quê, que músicas elas vão lembrar?

**DP:** E a sua relação entre os irmãos, como ela era?

**IM:** Eu sempre fui muito rebelde, eu nunca fui de brigar, nunca fui encrenqueira. Sempre tive muita amizade, Carapicuíba inteira me conhecia. Agora não, mas eu andava muito. Meu irmão saía para nadar e eu ia atrás dele na beira do rio, porque eu tinha medo dele morrer afogado e minha mãe estar trabalhando, então eu ia atrás



dele. Quando ele me via, e saía aquele monte de menino pelado, ele ficava doido... Eu e uma menina chamada Terezinha, ela ia junto porque o irmão dela também ia. Ele também já faleceu. A mãe dela também trabalhava fora e tinha essa preocupação. A gente pegava rabeira de caminhão e eu morria de medo de ele cair debaixo do caminhão, morrer... Eu pensava sempre na minha mãe.

A outra irmã, a Clarice, que também já faleceu, quando ela queria sair... A Bernadete, que gostava de ficar ouvindo novela no rádio, e eu que fazia a comida, desde os seis anos de idade. Eu amarrava a Clarice na cadeira do quintal e saía. Colocava uma panela de comida aqui assim...

**DP:** Começou a cozinhar aos seis anos?

**IM:** Seis anos, no fogão a lenha...

Ela [Bernadete] está colocando que eu era a baliza da escola. Eu fiquei doente para entrar na escola. Não podia naquela época, só com sete. Eu adoeci, porque eu aprendi a ler sozinha e eu adoeci. Minha mãe veio para São Paulo porque não tinha delegacia de ensino em Carapicuíba, nem em Barueri, nem Osasco. Aí minha mãe veio até aqui em São Paulo, eu acho que o padrinho da Bernadete que trabalhava no juizado de menores foi falar com o secretário de Educação. O inspetor de aluno foi lá na minha casa para constatar que eu estava doente e que eu já lia. Aí me colocou na escola com seis anos.

Como eu era pequena, continuo sendo, começaram: “Ah, ela tem que ser a baliza da escola”. Aí eu fui ser a baliza do sete de setembro. Hoje é uma coisa que todo mundo vai ao teatro para aprender, eu já fazia. Na escola eu dava cambalhotas, três, quatro, jogava o pauzinho lá na frente e pegava. Todo mundo... Que nem a Jacqueline, agora.

Daí eu fui convidada para trabalhar na *Record* e fazer um programa infantil. O meu pai se recusou, falando que não queria uma filha prostituta. Olha a cabeça! Ele não deixou, bateu o pé. E o cara da *Record*, conversando com a minha mãe, junto com o padrinho da Bernadete. Meu pai bateu o pé: “Não vai, não vai”. E eu não fui.

**DP:** Isso em que ano? Você tinha sete anos, é isso?



**IM:** Sete anos. Não tinha baliza em São Paulo, eu acho. Eu acho que eu fui a primeira.

**DP:** E como é que te descobriram?

**IM:** Porque eu vivia dando cambalhotas no pátio da escola. Era essa a minha brincadeira. Eu andava muito de perna de pau e às vezes eu me desequilibrava, mas, como eu já ia cair, eu caía pulando para não me machucar. Então eu aprendi a dar aqueles saltos mirabolantes, pegava o pauzinho na boca, no pé, nos dedos do pé... Eu era uma espoleta. Eu me lembro de uma ocasião que minha mãe foi assistir, tinha uma húngara que tinha uma loja em Carapicuíba e aí ela falou assim: “Muito lindo tudo o que ela faz, pena que é uma negra”. Minha mãe foi lá e pá [movimento de um tapa]...

**DP:** Ainda bem que sua mãe tinha essa altivez, ela não se submetia a esse tipo de violência.

**IM:** E falou para mim: “Continua dançando”. Eu ia parar, mas ela disse: “Pode continuar dançando”. Não parei. Depois que terminou o desfile o prefeito de Osasco – porque Carapicuíba não tinha prefeito – o Hirant Salazar, ainda tem um filho dele que é político, me carregou no colo e levou a minha família para o restaurante, que a escola tinha feito uma mesa bonita. Ele me levou até ela: “A senhora peça desculpas”. Mas isso não me traumatizou nem um pouco.

Por isso que eu gosto de ler e gosto de saber. Eu sempre tive na cabeça que nunca ninguém vai me colocar para baixo. Estou sempre no mesmo parâmetro que qualquer um, seja ele doutor, professor... Eu sei tanto quanto ele. Não vou ficar me perdendo com besterol. Eu converso com qualquer pessoa, pode ser advogado, médico ou quem quer que seja. Tinha lá em Carapicuíba o professor Miguel Costa, que dizia para minha mãe: “Dona Divina, eu adoro conversar com a Ivoneti. Nunca vi uma menina tão espertinha, tão inteligente”. Ele é filho do Miguel Costa, que lutou na



revolução de 32, tem até foto dele com Getúlio Vargas. Eu gostava de ir conversar com ele. Não me afetou nem um pouco, nada disso nunca me afetou.

**DP:** Mas, pelo que você está me contando, você foi uma pessoa muito precoce: ler cedo, aprender a cozinhar tão cedo, transitar pela cidade, cuidar dos seus irmãos.

**IM:** Depois, quando eu fiz 15 anos, o meu pai ficou doente, adoeceu. A Bernadete sempre foi muito retraída e eu sempre fui de pôr o peito na frente. Tinha que levar meu pai ao médico, minha mãe não podia, porque tinha que pagar o terreno e não podia ficar perdendo dia de trabalho. Então eu comecei a acompanhar meu pai, eu trazia aqui na Santa Casa de Misericórdia. Em Osasco o médico achou que a cidade não tinha condições e não tinha hospital, era mais para emergência: “Ah, vamos encaminhar para Santa Casa de Misericórdia”. Eu tinha que levar meu pai naquele dia e eu não tinha dinheiro, meu pai também não tinha. Voltando para Carapicuíba, encontrei uma pessoa, que era prefeito de Carapicuíba, era o coronel Antônio Faustino do Santos, ele foi prefeito várias vezes lá, uma bênção de pessoa: “Tenente Faustino, eu preciso...” Ele sempre parava a gente. “Meu pai precisa ser internado e eu estou sem dinheiro, a minha mãe deixou só para eu ir até Osasco”. Ele falou: “Não senhora, não senhora. Pode pegar o táxi e leva ele lá, espera internar e traga de volta aqui”. Aí foi feito, o táxi me trouxe, fomos até o seu João, que é um taxista mais antigo, que já levou a Bernadete, o meu irmão e eu... Levou todo mundo. Ele foi o taxista que levou a gente, depois me levou de volta. Meu pai ficou internado e a visita do meu pai era eu que fazia, tinha que ir de trem.

**DP:** E você, pelo visto, transitava muito pela cidade desde muito cedo. Você se sentia à vontade?

**IM:** Me sentia à vontade e tinha necessidade. Lá em Carapicuíba eu transitava por Carapicuíba, Osasco, Barueri, ia a pé para lá e para cá. Depois tive que começar a trabalhar cedo.



**DP:** E como é que foi esse seu início profissional? Quais foram os seus primeiros trabalhos?

**IM:** Minha mãe me colocou para trabalhar como empregada doméstica.

**DP:** Isso muito cedo, com 14, 15 anos?

**IM:** Na verdade, ela me colocou, não, ela quis me afastar de um namorado. Aí ela me colocou para trabalhar, mas eu já tinha trabalhado numa malharia. Aí o que eu fiz? Eu fiquei um período lá e depois eu disse: “Olha, eu não vou ser empregada doméstica para o resto da minha vida. Eu tenho profissão, vou voltar para Carapicuíba, vou voltar a morar com a minha mãe”. Porque eu tinha ido morar lá na Mooca. O patrão da minha mãe falou: “Não, você vai ficar morando aqui com a gente. Você pode até trabalhar na malharia. Você vai sair daqui quando você casar”. Aí eu arrumei um emprego também numa malharia da Mooca e fiquei lá até casar e eles foram meus padrinhos de casamento. Então eu conheço bem aquela região e também acho que, um pouco por ter morado mais na Mooca do que em Carapicuíba, acho que eu adquiri hábitos diferentes.

**DP:** Quais, por exemplo?

**IM:** Interesse e gosto por coisas diferentes: música, teatro, pintura...Porque eu via as pessoas fazendo essas coisas. Minha mãe só fazia crochê e tricô. Eu nunca tinha visto uma pessoa pintar, porque em Carapicuíba não tinha nada disso e na Mooca você saía e vê uns quadros, umas casas bonitas. Aí eu comecei a me interessar a desenhar...

**DP:** E nisso você já tinha interrompido os seus estudos? Você se ressentiu muito de ter interrompido o ciclo fundamental?

**IM:** Na minha época, até a quarta série era o fundamental, depois é que se estendeu até a oitava. Mas eu não fiquei ressentida, porque eu tive a oportunidade de saber



que eu sozinha conseguiria. Eu estudava sozinha, porque eu já estava casada, o marido machista: “Primeiro, mulher minha não trabalha”. Eu falei: “Não, mulher sua não trabalha mesmo – sua esposa vai trabalhar”. Ele falou: “Ah, não vai estudar”. Eu falei: “Vou”. Comprei os livros e comecei a estudar em casa.

**DP:** O que você estudava?

**IM:** Todas as matérias. Só que eu sou assim: tudo que você escreve você não esquece. Então eu estudava escrevendo. Quando eu vi que eu estava apta, eu fui fazer o... concluir a oitava. Mas aí a Ana Marilza falou: “Ivoneti, tem uma legislação que diz que, se você já tem mais de 21 anos, você não precisa passar pelo primeiro. Se você tiver condição, você presta o segundo, que é aquele supletivo, e se você passar, beleza”. Aí eu falei: “Tá bom”. Só que aí já tinha passado em São Paulo e eu me inscrevi em Belo Horizonte, fui prestar lá em Belo Horizonte. Fui três finais de semana para Belo Horizonte para terminar o segundo grau. Nem eu acreditei quando eu vi que eu consegui eliminar tudo, eliminei tudo de uma vez, porque eu queria muito aquilo. Então foi bom saber que eu ia conseguir.

Continuei, depois eu fui para faculdade. Mas aquela coisa, você começa a estudar e o outro começa a se sentir diminuído. Você para e dá o lugar para filho mal agradecido. Prefiro pular essa parte, você deixa de estudar para dar lugar para eles e leva um belo de um chute. A minha revolta é essa, a única coisa que eu tenho sentimento é disso, de eu ter parado a minha faculdade para aplicar numa coisa inútil.

**DP:** E, Ivoneti, como você chegou? Você começou a cursar biblioteconomia, mas isso em função do seu trabalho na Biblioteca?

**IM:** Eu na verdade gosto de artes plásticas.

**DP:** Esse é um gosto que você desenvolveu na Mooca?



**IM:** Isso. Gosto também de história, eu sempre gostei de história, desde menina. Isso me interessa, me agrada...

**DP:** Você lembra de bons professores que você tenha tido na escola?

**IM:** Tinha a Dona Isabel, que era muito boa e teve uma professora muito boa chamada Marina Werneck Sodré. Acho que você conhece ela.

**DP:** Foi sua professora?

**IM:** Na faculdade. Era muito boa mesmo. Mas na escola eu lembro da Dona Isabel. Teve a Marilena Bianchini, muito boa também.

**DP:** E como é que você chegou até a Biblioteca?

**IM:** O meu marido trabalha na Cultura, trabalhava, agora ele está na subprefeitura. Eu trabalhava na malharia e ele achou não... e me colocou na prefeitura como peão, por isso que eu fui estudar. Eu falava: “Eu não vou ser eternamente peão, de jeito nenhum”. Voltei a estudar, a Ana Marilza incentivava bastante...

**DP:** Isso já aqui? Você entrou na prefeitura e foi direto para a Biblioteca?

**IM:** Direto na Biblioteca.

**DP:** E você lembra como foi o concurso? O processo de seleção?

**IM:** Não teve. Nesse tempo tinha contrato. Eu entrei no cargo menor, só que na minha entrevista, como sempre fui muito de conversar, a Dona Janeta falou: “Não, você não tem o segundo grau, mas você não é uma menina para ficar na torre. Você vai ficar aqui em baixo”. Ela me colocou no atendimento de periódicos retrospectivos. Aí eu fui ficando. Eu entrei em 1981 e, em 1985, ela disse: “Não, é desperdício. Você vai trabalhar na diretoria”. Aí me colocou. Na época já era a





Marilza e eu não sabia quase nada e ela falou: “Você vai voltar a estudar e, quando você chegar, você vai ficar umas duas horas treinando datilografia”. E eu fui aprendendo.

**DP:** Daí então que você foi fazer o curso?

**IM:** Quando terminou o segundo grau teve um concurso de auxiliar de administração geral, o AGPP de hoje era isso, antes. Eu prestei o concurso que tinha 37 mil candidatos para três mil vagas. O salário era muito bom, então tinha vários candidatos com nível universitário. E, eu grávida do ingrato, prestei o concurso e passei, fiquei entre os três mil classificados.

Na datilografia, o Zé Eduardo falou: “Neguinha...” O Zé Eduardo é a única pessoa que me chama de Neguinha, o Zé Eduardo e a Cissa... a Marisa também chamava. “Neguinha, é o seguinte, você vai lá, mas não liga para o barulho não. Põe o papel na máquina e vai com os dedos, que você sabe. Aquele barulho, você acha que está todo mundo acabando, às vezes não”. Eu fui, segui o Zé Eduardo e não é que eu passei! Logo tomei posse, estavam precisando muito. Então foi um concurso rápido e as pessoas já foram convocadas logo para trabalhar.

Quando elas viram que eu tinha passado, a Nina Rosa encaminhou um ofício para o secretário da administração dizendo que eu não estava disponível para setor nenhum. Ela me queria lá na Biblioteca. Eu era funcionária de lá, mas eu não podia escolher, só se o diretor interferisse. Então ela mandou e eu continuei na Biblioteca, senão eu estaria em outro lugar.

**DP:** Ao longo desses seus 28 anos, quais foram os setores que você trabalhou?

**IM:** Eu trabalhei no atendimento dos periódicos. A maior parte foi na diretoria. Claro, trabalhei na referência, mas convocada para o atendimento de final de semana.

**DP:** Quais são as suas memórias dessas diferentes gestões que você acompanhou? Quais os momentos que você se sentiu mais reconhecida? Quando a sua comunicação foi mais eficaz?



**IM:** Eu sempre fui muito comunicativa. As pessoas sempre me reconheceram, por exemplo, a Marilza que me ofereceu cargo duas vezes. Eu abri mão em função de colegas que tinham mais tempo de casa que eu. Coisa que eu me arrependo, porque as pessoas não pensam da mesma maneira que eu. Para cargo de confiança não tem pessoa mais confiante do que o cara que realiza aquele trabalho há anos. Não tem essa da pessoa entrar hoje na prefeitura e já entrar com cargo, não tem nem a experiência do trabalho, mas já tem o cargo. Como eu era recém-assumida, eu já era funcionária da Biblioteca, mas, naquele cargo, eu tinha acabado de assumir. A Harumi tinha mais tempo do que eu, ela já era oficial da administração. Eu achei injusto pegar o cargo, porque a diretora estava me dando e ela ficar sem. Ela aposentaria primeiro do que eu. Eu achei injusto e abri mão. A diretora falou assim: “Você vai demorar a pegar um cargo. Funcionário, quando se recusa a ter um cargo... Até você conseguir um vai demorar”. Olha, realmente demorou. Eu tenho esse D.A. 5 por quê? Porque eu tinha pedido para ir embora, por falta de reconhecimento. Eu via as pessoas chegando, tendo cargos e eu ali ralando no Colégio São Paulo. A Jackeline lembra bem, que era raladão...

**DP:** Eu queria que você contasse um pouquinho, Ivoneti. Como era o seu trabalho nesse momento? É importante para nós que desenvolvemos esse trabalho.

**IM:** No Colégio São Paulo, eu comecei a ter mais oportunidades. Como eu ralava, ralava e aí, quando mudou e eu vi que a coisa... Eu vi que eu não ia ficar, pedi para ir embora. A Marfísia não me deixou. Primeiro, ela deixou o papel na mesa e fingiu que nem estava sabendo que eu havia pedido para ir embora. Quando eu vi o pessoal pegando cargo, pegando cargo... Um dia eu encontrei o Luís Francisco no elevador e disse: “Então, Luís Francisco, você não me dá um cargo e também não me deixa ir embora?”. Ele falou: “Eu não estou nem sabendo que você me pediu para ir embora”. Falei: “Pedi e vim até com o memorando, já, que a Marfísia falou que eu podia ir, porque ela achou que ninguém ia me querer, entendeu?” Mas as pessoas lá fora também me conhecem. Quem não trabalha na Biblioteca também conhece meu trabalho. Ele falou: “Você que é a Ivoneti? Nossa, você é conhecida!”.



Eu disse: “Porque eu tenho amor naquilo que eu faço, então eu faço com carinho e bem feito”.

Quando teve o trabalho no Colégio São Paulo, no primeiro dia, que foi a palestra da Marilena Chauí, estava um reboiço naquela Biblioteca, e eu conheci o José Jacinto do Amaral, não sei se você conhece. Eu fiquei um período na lei Mendonça e eu conheci o Jacinto por conta disso. Estava um reboiço, o José Eduardo apavorado e aí o Jacinto falou: “Você está aí? Graças a Deus! Me dá uma força, por favor”. Eu estava fazendo a convocação nesse dia, nesse evento. Eu falei para o Bruno: “O Jacinto está pedindo para eu dar uma força para Zé Eduardo”. Ele falou: “Tudo bem”. Aí eu, na sexta-feira anterior ao evento, passei na diretoria e o Zé Eduardo estava apavorado: “Neguinha, o Chiquinho veio trabalhar hoje?” Chiquinho é o meu marido. Eu falei: “Não”. Ele disse: “Faz um favor para mim, me ajuda a dar uns telefonemas”. Eu comecei a ajudar, sem estar no Colégio. Por conta disso, o Zé Eduardo me convidou. O Jacinto fez questão que eu ficasse lá, então eu comecei. Eu fazia a listagem. Eu que cuidei de criar um triângulo, que não era uma coisa muito bonita, e eu peguei e boleei aquilo lá. O Camilo fez aquelas madeirinhas que enfia os nomes.

**DP:** O Camilo?

**IM:** Foi o Camilo que fez. A ideia foi minha, mas foi ele que fez. Então eu cuidava daquilo, recebia os telefonemas, fazia as inscrições das pessoas, fazia a listagem, cuidava de café, de água, de lanchinho. Uma vez eu fiz até patê na minha casa. Comprava bolachinha. O Pedro Maia, quando foi embora, me elogiou muito e disse que eu era a máquina a vapor do Colégio São Paulo. Algumas pessoas ficaram sentidas com isso.

**DP:** Quem era o núcleo que cuidava? Você, a Rita Rua...

**IM:** E o Zé Eduardo. O Luís às vezes dava um... quando tinha que filmar.

**DP:** O Luís Verdinelli?



**IM:** Verdinelli, quando tinha vídeo conferência, ele ficava e dava um apoio. Era mais raro. Mais era o Zé Eduardo mesmo.

**DP:** A coordenação era de fora?

**IM:** Não, o Pedro Maia ficava lá. Ele passou a ficar na Sala, porque ele que era o coordenador. Depois saiu o Pedro Maia e veio o Foot. O Foot era mais lá do que no setor mesmo. Vinha mais para assinar, a não ser quando era uma pessoa que era de conhecimento dele, que tivesse muita amizade, aí ele vinha para fazer a linha.

**DP:** Você assistia? Também acompanhava?

**IM:** Assistia e tinha que levar a listagem para assinar, montar, acompanhar, e colocar água, arrumar o auditório, reservar lugar... Mas era muito bom. Eu gostava muito.

**DP:** Foram três anos, 2002, 2003 e 2004. Das experiências que você teve na Biblioteca, quais foram as mais gratificantes?

**IM:** Foram essas. Você tinha a oportunidade de ouvir também. Eu conheci pessoas interessantes, como o José Murilo de Carvalho, um historiador que, nossa! Aquilo é uma cabeça! Tinha o Miguel, que é português e eu não lembro o sobrenome dele. Ele é o maior conhecedor da obra de Machado de Assis em Portugal. A própria Marilena Chauí que, em matéria de filosofia... Tem a Heleieth Saffioti, que fala sobre sociologia – ela é “a boa” em sociologia, segundo o Foot. Ela é muito inteligente, também. E vários outros: o Antonio Arnoni... Eu cheguei a conversar com ele no xerox: “Eu quero tirar xerox desse livro todo”. Aí eu disse: “Não, senhor, não é permitido, você pode tirar 10% de tudo”. Ele falou assim: “E se eu vier aqui amanhã?” Eu falei: “Você não vai vir aqui amanhã, porque eu sou boa fisionomista, não adianta você vir tirar”. Ele respondeu: “Mas o livro é meu, eu sou o autor do livro”. Eu falei: “Então prova”. Ele abriu o livro e disse: “Olha a foto aqui”. Eu olhei na cara dele e disse: “Mesmo assim eu não sei, vamos perguntar”. Ele olhou assim



para mim: “Você pode tirar, sim”. O livro estava muito detonado. Ele também é muito bom.

**DP:** Na direção, quais os aprendizados que você considera relevantes para sua vida profissional e pessoal?

**IM:** O dia-a-dia é um aprendizado. Desde que eu estou na prefeitura, todo dia você aprende coisa nova. Com cada diretor, com cada chefia você aprende uma coisa nova. Cada um tem um sistema, quer dizer, a dona Janeta era uma pessoa que todo mundo temia. Eu achei ela uma pessoa ótima. A dona May também era muito austera, ela intimidava mais do que a Maria Christina, porque a Maria Christina também tem a linha dura, mas, igual à dona Janeta... Quando ela chegava batendo aquele guarda-chuva parecia um general, o povo tremia, mas eu não. A dona Janeta, depois teve a dona May, depois a dona Marilena Costa e Silva, a Ana Marilza, a Maria da Guia, a Nina Rosa... Cada um é um e você vai aprendendo com todos. A Lúcia Neíza também chegou a ser diretora e foi uma virada de mesa, ela era chefe da Extensão Cultural e a Maria Vitória era diretora da Lúcia Neíza. Aí virou, a Lúcia passou a ser diretora e a Maria Vitória subordinada da Lúcia. Que coisa horrorosa que foi isso, foi muito chato. Esse é o fato chato, desagradável que eu lembro na Biblioteca. Ficou um clima muito ruim, o Zé Eduardo falava que foi um golpe de estado...

No mais, a Marfisia, que ficava em cima do muro. O Castilho era mais diretor do que ela. Ela falava pelas pessoas, ela não falava por ela. As pessoas falavam para ela e ela repetia aquilo que as pessoas falaram como se fosse ela, entendeu? Eu acho assim, um diretor chegar para um funcionário que ralou num setor, que podia ter defeito... Eu não tinha muita amizade com ela, nosso santo não casava muito, era a Conceição, mas ela ralou nessa Extensão Cultural. E um diretor chegar para um funcionário e falar: “A porta da rua é serventia da casa”. É muita falta de respeito, não é nem de consideração. Podia até falar de uma outra forma, sentar e falar, perguntar se não está contente. Agora falar: “A porta da rua é serventia da casa”, para um que trabalhava durante o dia e fazia eventos que lotavam... Não



importa se é evento voltado para a raça negra, a branca... Isso não importa, o que interessa é que a Biblioteca chamava a atenção e ninguém pode dizer que não.

**DP:** Como é que foi esse conflito? Entre quem e quem?

**IM:** A Marfísia e a Conceição. A Conceição não aceitou a nova chefe da Extensão Cultural, as duas não se davam. Mas até aí é só falar: “Você quer ir trabalhar em um outro setor?” Agora dizer com todas as letras: “A porta da rua é serventia da casa”, porque a outra era mais politqueira e não é por aí.

Eu pedi para sair e ela não me deixou sair, ficou enrolando com o meu papel. Pedi para sair da Biblioteca...

**DP:** Foi o único momento que você teve um conflito maior?

**IM:** Não gerou conflito, gerou um desconforto. Na verdade, a Thaís devia ter falado para mim e não para a Marfísia, porque, se ela era chefe do setor e ela... Na cabeça dela... Isso foi gerado pelo Luís Verdinelli, também pela Conceição e também pela outra menina lá. Eles não me aceitavam muito por conta de eu ser do Colégio. Depois houve a fusão, graças ao Castilho. Por conta disso, eu não sei o que acontecia, mas eles tentavam boicotar os eventos do Colégio. Ora o Luís chegava atrasado, ora quebrava alguma coisa. Pessoas se inscreviam, ela mandava pessoas se inscreverem e essas pessoas não apareciam. Eu tinha uma listagem de pessoas que se inscreveram desde a primeira vez e nunca apareciam. Aí, um dia eu falei para o Pedro Maia: “Tem essa listagem aqui, essas pessoas, nem que elas venham aqui eu vou inscrever”. Elas nunca compareceram em nenhum evento. Então era tudo coisa para ocupar espaço, mas ficar com o auditório vazio. O tiro saiu pela culatra, uma vez ela fez um evento e não tinha nenhuma pessoa. Não apareceu uma pessoa dos inscritos, tinha sessenta pessoas inscritas e não apareceu uma.

**DP:** Você lembra qual curso era?



**IM:** Não lembro. Foi uma programação da Extensão Cultural. Tiveram que pedir para funcionários irem lá fazer a linha. Eu falei: “Eu não vou”. Não teve uma pessoa e isso é desagradável, você tentar boicotar, porque, por mais que eu não goste de você, o seu evento não é para mim, o seu evento é para o público lá fora. Então eu não tenho que boicotar. Por conta disso, eu acho que fizeram a cabeça da Thaís e o Luís Verdinelli... Eu fazia questão da videoconferência, ela dizia que não, que era uma bobagem. Eu não acho uma bobagem, porque ela ficará disponível para o público. Ele achava que era e aí já gerou um desconforto. A Thaís dizia que eu não tinha o perfil para trabalhar na Extensão Cultural. Fui eu que levei o Colégio São Paulo e o Pedro Maia falava que eu era o motor do Colégio, não tinha o perfil para trabalhar com ela.

**DP:** Ivoneti, a gente não sabia disso, desse talento todo aqui ao nosso lado.

**IM:** Pois é, e eu não tive o perfil para trabalhar com ela. Aí ela foi falar com a Marfísia que não me queria. A Marfísia em vez de falar... você é a chefe, você fala, “Ela não é minha subordinada, ela é sua”... Ela veio e me colocou... Eu falei: “Tudo bem, mas na Mário eu não fico”.

**DP:** E aí como é que foi? Como você se recolocou ali na Biblioteca?

**IM:** A Marfísia falou: “Por enquanto você fica trabalhando com a Isabel”. Fiquei desenvolvendo aquele trabalho no Arquivo Histórico com a Isabel. Daí um dia eu encontrei o Luís Francisco. Depois de ter ralado lá pegando aquelas documentações todas cheias de fungos, nota fiscal até do primeiro tijolo que foi comprado...

**DP:** A gente tem que fazer uma consulta com ela, ela que conhece o acervo de fato.

**IM:** Uma papelada. até bilhetinho escrito assim: “Senhor Pedro, consta que amanhã não haverá energia elétrica, o senhor, por favor, não me telefone”. Isso era um documento que estava guardado lá! Tinha um outro papelzinho com o nome de duas



meninas: “Estão autorizados de entrar na Biblioteca”. Isso é documento que se guarde? Mas cada absurdo!

**DP:** Tem alguma coisa que preste naquele arquivo? A gente quer arregaçar as mangas e trabalhar em cima dele.

**IM:** Uma coisa que eu achei interessante e que ainda está lá é o livro ata da primeira reunião para criar o Instituto Geográfico. Teve uma reunião lá e este livro com todas as assinaturas. Onde está eu não sei. No IPESP<sup>1</sup>? Mas tem esse livro. É a única coisa que eu achei de interessante lá. E um monte de nota fiscal que tem lá não sabe o porquê. Nunca teve um arquivo morto e está muito desorganizado.

Fiquei trabalhando nisso até... porque, quando está tudo quebrado, chama a Ivoneti. Quando está tudo em dia, tudo bonito, pegam Fulano e dizem: “Toma o cargo, toma conta disso aí que está tudo arrumado”. Aí, o que aconteceu? Nesse período começaram a chegar os funcionários novos. Tudo com cargo. Eu só olhando no Diário Oficial. Um dia eu encontrei com o Luís Francisco e falei para ele: “Então, Luís Francisco, estão chegando funcionários novos já com cargos. Eu pedi para ir embora e não me deram. Vocês não me deixaram ir embora e eu estou aqui há tantos anos e nunca me deram a oportunidade de ter um cargo”. Ele falou: “Eu nem sabia que você tinha pedido para ir embora”. “Pois eu pedi e o memorando está na mesa da Marfísia”.

Aí conversaram lá e a Rita D`Ângelo encontrou comigo e disse: “Ivoneti, calma, calma, calma. Fica mais um pouquinho”. A Marfísia tomou a puxada geral. A Rita foi e me convidou para trabalhar de novo com ela. A Rita, quando ela entrou na Biblioteca, eu já estava trabalhando na diretoria, eu trabalhava na subdivisão e ela na divisão. Ela era meio atrapalhadinha e, às vezes, a Lúcia Neíza, que sempre foi muito de gritar... A Rita era novinha, tinha acabado de chegar na prefeitura e não tinha muita experiência. Ela trabalhava no PCC (Projeto Cultura na Cidade) e depois acabou o PCC e ela foi para a Mário. Às vezes eu ia almoçar e, quando eu chegava, a Rita estava apavorada: “Ivoneti, a Lúcia Neíza quer um memorando e eu não sei

---

<sup>1</sup> Antigo prédio do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, cedido pelo governo do Estado para a Biblioteca Mário de Andrade.





onde está”. Ela ficava tão nervosa que ela pegava a pasta do memorando e não conseguia achar. Eu sempre trabalhei na diretoria. Acho que eu não saberia fazer outra coisa se não fossem coisas com bastante atividade. Ficar parada não é o meu forte.

**DP:** E experiências mais marcantes que você tenha vivido na Biblioteca? Você citou o Colégio São Paulo, onde você trabalhou e pôde fruir do teu trabalho com o público, podendo assistir, acompanhar, acabou sendo como uma espécie de curso de formação, quais outras experiências foram marcantes para você?

**IM:** O primeiro evento lá na Mário, com a Marilena Chauí em que quase tivemos que chamar a polícia. Aliás, acho que chamamos a guarda metropolitana. O povo não queria entender que o auditório tem um limite, o pessoal queria entrar. Parecia que estava chegando a Madona, de tanto... Acho que a experiência mais marcante foi essa daí mesmo. Toda vez que a Marilena Chauí aparece, toda vez que ela veio na Mário de Andrade foi...

A própria Marta Suplicy, também, a primeira vez que ela veio... Isso foi uma coisa até engraçada, a primeira vez que eu vi a Marta Suplicy. Ela tinha um evento, era um coquetel, e eu fui a única convidada do coquetel, porque o Jacinto me convidou. E tinha um camarada que ia à Biblioteca que usava o cabelo rastafari, mas o rastafari dele já tinha uns cinco anos e ele era todo sujo. Eu não sei como ele se escondeu no banheiro. Chegou na hora, esvaziou a sala, todo mundo foi embora porque ia ter o evento, fechou a Biblioteca porque ia ter o evento. Na hora em que a Marta atravessou o salão, o individuo me saiu de trás do pilar e pegou na mão dela e... deu um beijo na mão. O tempo inteiro ela ficou assim... Os jornalistas, tudo em cima e ela ficou o coquetel inteiro assim. Não comeu um nada, não tomou uma água, falou meia dúzia de palavras e foi embora. Eu falei: “Gente, que camarada!”. Isso é uma falha da segurança e, se o camarada quisesse bater nela, tinha batido. Não sei como o cara não arrancou a mão. Ela ficou o tempo inteiro assim. O xale dela era igual ao meu, igualzinho, hein! Eu ofusquei... Ela ficou o tempo inteiro assim com a mão e a outra segurando o xale. Eu falava: “Ela não vai comer, não vai nem tomar”. E ela não tomou um copo de água, foi embora. Eu morri de dó dela. E tinha



tanta coisa gostosa. Então foi uma coisa que marcou muito, aquele dia eu me diverti. E ela não era assim, ela chegava e pegava na mão dos funcionários, eu não posso dizer que ela tinha nojo das pessoas, não foi isso. É que o cara realmente era sujo. Você não chegou a ver a figura, mas, quando a Biblioteca reabrir, ele vai voltar do mesmo jeito e com a mesma roupa. Ele é frequentador da Biblioteca há muito tempo e sempre com a mesma roupa e aquele cabelo tudo ensebado.

**DP:** Ivoneti, e esses personagens que frequentaram e que a gente acredita que voltarão a frequentar, quais outros que você gostaria de destacar? A relação com o público não foi muito...

**IM:** Eu tive bastante.

**DP:** Pelo Colégio São Paulo?

**IM:** É assim, na Biblioteca tem um outro personagem que é um rapaz que é todo sujo, São Paulo inteiro conhece ele. Ele está sempre de preto e sempre com um saco nas costas, piolhento e sujo, sujo, sujo... Mas em matéria de filosofia ele sabe tanto quanto a Marilena Chauí.

**DP:** E a Biblioteca é pública.

**IM:** A Biblioteca é pública e ele tem o direito de estar lá. Ele já deu até entrevista na *Folha*. Ele foi entrevistado pela *Folha*. Sujo do jeito que ele é, ele foi entrevistado pela *Folha*.

Tinha um outro que vinha também que andava com uma muletinha. Ele até sumiu. Esse era sujo também. Um dia ele conversou com a Marilena Chauí, conversou mesmo, num evento. A gente não pôde barrar ele, aí sentou na primeira fila: “Hoje eu falo com ela”. As perguntas que ele fazia era de quem tinha conhecimento mesmo de filosofia. Depois disso eu não sei se ele ficou estimulado... Nossa! Só aparecia de terno e gravata, ninguém acreditava que ele tinha tomado banho.



Esse da roupinha preta vai voltar, toda hora ele passa lá.

**DP:** Está ávido pela reabertura?

**IM:** Está, coitadinho, e me dá pena porque ele ficava lá o dia inteiro lendo. Apesar de que tinha que tomar um banho, mas, enfim, não quis. E uma pena porque a Biblioteca, quando ela reabrir, pelo o que eu estou entendendo, não vai ser do jeito que o povo está pensando que vai ser. Porque ali vai ter a circulante que vai ser naquela sala que estão aqueles móveis. Falta eu me matar de desgosto de ver aquelas coisas horrorosas lá.

**DP:** Por que, Ivoneti?

**IM:** É muito feio. Saiu do...

**DP:** Você e o Edécio estão indignados.

**IM:** Eu estou indignada com aqueles móveis horrorosos. Parece que é coisa feita por canhoto. Uma coisa muito feia. Nossa! Odiei aquilo. E no sexto andar então...

**DP:** No nosso, onde estamos trabalhando?

**IM:** No debaixo, onde acabaram com as cabines. Fizeram as cabines do outro lado e tinha umas cabines bonitas com portas bonitas de vidro, então nem tinha cupim nelas, para quê derrubar? Eu não gosto do novo, de quebrar a parede... Sabe, está parecendo um queijo suíço em baixo e ficam quebrando paredes em cima. De vez em quando dá uma balançadinha, você já sentiu as balançadinhas? Então, eu também já senti, por isso que eu não gosto de ficar lá para cima, lá no décimo oitavo. Estou evitando o máximo de ficar pegando elevador por conta dessas balançadinhas. Eles que são engenheiros não estão sentindo, mas eu já senti várias vezes essa balançadinha. No terceiro também dá essas balançadinhas, quando passa o metrô. Então é isso, o novo não me agrada.



**DP:** Ivoneti, mas, em relação à reforma de 1992, foi muito diferente? O processo, a organização, a maneira como os funcionários foram informados... Eu gostaria que você falasse um pouquinho daquela experiência.

**IM:** Em 1992, as diretorias... até o Castilho, tudo o que se fazia era de conhecimento dos funcionários. Não era como agora: “Ah, eu sou diretor e só interessa para mim e para aquele chefe ali”. Para tudo eles faziam reunião no auditório e todo mundo sabia o que ia acontecer, hoje ninguém sabe. “A partir de amanhã esse setor vai para o terceiro andar”. Mas não, é tudo muito fechado e aí, quando você vê, é um peão novo. A Bernadete, por exemplo, que tem a esperança da volta da coleção geral. Mas não vai ser assim, vai ter um setor voltado para o teatro. Acho que parte da Sala de Arte vai estar voltada mais para o pesquisador. Pelo que eu entendi é isso. O povo que vai ali fazer hora, ler um jornal ou uma revista... Isso não vai ter mais, mesmo porque os jornais e revistas estão todos armazenados no IPESP e futuramente eles vão para a [Biblioteca] Adelpha. As revistas já estão indo para lá e logo mais os jornais também vão para lá para poder fazer a reforma do IPESP. Vai ler quem? Só os da circulante? Esses pegam o livro e vão para casa. Não vai ter cadeira para ninguém ficar fazendo nada lá. Serão somente consultas rápidas. Então, com essa coisa, eu não sei se vai bombar do jeito que eles estão achando. A não ser que o público específico do teatro... Agora, pesquisador? Tem doze cabines de pesquisa, a gente vai ficar lá plantado, olhando o pesquisador? Porque pesquisador também não é confiável, não. Teve muito pesquisador lá na torre que chegava dando docinho, bonitinho, direitinho, mas ficava recortando o jornalzinho para levar pra casa. Isso não foi nem uma nem duas vezes. Teve pesquisador que levou livros raros para casa, dentro de um envelope. Só que a diretora falou: “Professor, doutor...”. Eu não me lembro o nome e, mesmo que eu lembrasse, eu não iria falar. A diretora ligou para USP<sup>2</sup> e falou: “O senhor tem tantas horas para chegar com o livro aqui, senão eu chamo a polícia”. Ele levou. Agora, deixar doze cabines para colocar doze pessoas lá dentro e, o funcionário vai ter um serviço desagradável de ficar o tempo inteiro com o camarada lá. Aí pega um pesquisador

---

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo



estouradinho que vai falar: “O senhor está invadindo a minha privacidade”. E aí, como é que fica?

**DP:** Difícil, não é, Ivoneti? E a sua experiência com o público, você lembra de outras situações difíceis? Exige uma habilidade muito especial, uma tolerância...

**IM:** Eu nunca tive problema assim de discutir com o leitor, com... eu nunca tive, por mais desagradável que o leitor tenha sido, eu nunca tive. Uma única vez que alguém falou: “Eu pago o seu salário”. Eu falei: “É, então trata de aumentar porque está pagando muito pouco”. Sabe, não é assim. A pessoa tem que saber chegar também. Eu sempre fui assim: quando não me agrada, eu não vou atender. Se eu sei que a pessoa é agressiva, que nem um cidadão que tem na Biblioteca que é extremamente grosseiro...

**DP:** Funcionário?

**IM:** Não, ele é leitor e é grosseiro, mas não com todo mundo. Ele é grosseiro para quem não dá confiança para ele. É intrometido, tem chefe que chegou a recebê-lo na sala para tomar cafezinho. Esse leitor sabia muito mais da Biblioteca e dos funcionários do que a Marfísia. Uma vez a Marfísia ficou numa saia justa com ele, ele estava quase pulando nela e aí eu corri da minha sala... Eu disquei da minha sala para a dela, corri lá, peguei, atendi e falei: “Marfísia, é para você, é o secretário”. Aí ela: “Com licença”. Quando ela chegou lá dentro eu falei: “Não, era eu, liguei só para te tirar da gelada que você estava”. Ele sabia quem estava de férias, quem tinha aposentado, quem ia aposentar... Como o homem sabia disso? E ele é uma pessoa desagradável, grosseira, ele assedia as pessoas, assedia com palavras grosseiras e aí, se você não dá confiança, toda vez que ele passava, ele falava um palavrão. Esse ano, o primeiro que ele falar perto de mim... Se bem que eu não vou estar lá embaixo mesmo e ele não vai ter oportunidade de falar. Ele vai ficar uma fera quando ele descobrir que ele não vai mais poder fazer hora dentro da Biblioteca. Ele fez elogios para a Marta. Para o Kassab eu não sei o que ele vai



fazer. Ele vai ficar furioso quando descobrir que ele não vai poder mais ficar. Não vai ter acesso aos jornais e às revistas.

**DP:** Ivoneti, em relação aos colegas, como foi a sua relação ao longo desses anos e com quem você teve uma identificação mais forte? Quais as pessoas que te auxiliaram e te acolheram?

**IM:** Eu aprendi muito com todo mundo. A Ana Marilza, o Zé Eduardo. Eu fazia o calendário de eventos e ele sempre me... o Zé Eduardo me ensinava a pesquisar: como que era, como que não era e os desdobramentos. Esse trabalho que eu estava fazendo até outro dia, de tirar as fichinhas, eu aprendi praticamente sozinha.

**DP:** Fala um pouquinho sobre esse trabalho, como era?

**IM:** Esse trabalho está sendo feito por conta da digitalização do acervo. Os livros que estão sendo digitalizados estão sendo retirados todas as fichas referentes a ele, nós chamamos de desdobramentos. Então tem ficha de autor, de título, de assunto, às vezes têm mais de um autor. Tem livros que têm a ficha do autor e do colaborador, ou de quem traduziu, tem que tirar ficha de série, coleção. Então você tira todas as fichas referentes àquele livro. Eu já cheguei a tirar onze fichas de um livro. Aí tira tudo, leva e a Elvira pica e joga no lixo. Acho que ela só vai guardar a matriz, se eu não me engano, ou joga tudo fora. Até o acervo ser todo digitalizado para futuramente não ter aquele museu, aquele arquivo todo enferrujado e aquelas fichinhas imundas. Eu cheguei a achar ficha naquele fichário que está ali, logo que você entra na Biblioteca, mas o que ela está fazendo ali? Ali não é lugar para essa ficha. Eu chamei o bibliotecário e falei: “Oh, essa ficha é daquele fichário”. Ele falou: “Ivoneti, você tem razão, começa com L”. E estava na letra C. Quando eu fui colocar a ficha no local, conforme eu abri, eu achei uma ficha da quarta gaveta no mesmo fichário. Então, é coisa muito antiga em que as pessoas não prestavam atenção ou não sei se, com preguiça, guardava no lugar errado, não sei. Eu sei que o fichário tem muitas coisas erradas, muitas, muitas, muitas... Na biblioteconomia você nunca considera o artigo para colocar as fichinhas, mas algumas pessoas consideravam o



artigo, então, quando começa com A ou com O, você tem que ir ao A, ao O e, às vezes, UMA e UM também não é considerado, mas às vezes era considerado. É muito complicado, mas é um trabalho gostoso, mas você tem que saber procurar e não desistir na primeira, porque em algum lugar ela vai estar. Futuramente acaba aquele fichário.

**DP:** Há quanto tempo você está envolvida com esse trabalho?

**IM:** Olha, já vai fazer uns seis meses. Eu fazia uma hora por dia. Ultimamente, como o meu trabalho se encerrou, diminuiu um pouco, porque eu estava fazendo esse trabalho para a Elvira e, ao mesmo tempo, eu estava fazendo um trabalho para a Isabel, recebendo os periódicos e armazenando, mas a secretária do William, antes dele ser diretor, e pedia material para a Marluce e a Joana, então eu fazia só uma hora. Como a Isabel pediu para sair direto para lá, diminuiu o meu trabalho e eu passei a ficar mais tempo fazendo esse trabalho, mas você tira em média – mais de duzentas fichas por dia. É ralado.

**DP:** Ivoneti, eu queria que você falasse um pouco sobre a vinda dos funcionários da Saúde. Como é que foi o processo de adaptação? Você se lembra disso? Qual o grau de dificuldade dessa reunião, dessa incorporação?

**IM:** Para mim não, para eles é que foi estranho. A pessoa trabalha com uma coisa completamente diferente, eles não tem a mesma visão que a gente. Para eles era besteira, bobagem os livros, não tinham o respeito que a gente tem pelo livro. Então, até eles se enquadrarem foi um pouco difícil. Uns falavam assim: “Bibliotecários, entregadores de pastel”. Eles viam a cultura como uma coisa desnecessária, o livro como uma coisa desnecessária. Só a Saúde é que era bom, então tiveram um pouco de dificuldade. Alguns se aposentaram na dificuldade, porque não aprenderam nada.

Uma vez eu substitui lá no xerox, teve uma que chegou com um monte de livro: “Ah, tira cópia desses livros infantis, que é para o meu neto”. Eu falei: “Eu não vou tirar, você pode levar dez por cento”. “Ah, mais eu vou tirar”. Eu respondi: “Você



tira quando for outro chefe, eu estou de chefe aqui e eu não vou tirar”. Então é assim, não tem cuidado para pegar, não sei se por conta de trabalhar na Saúde, eu não sei o que eles faziam, acho que já... São pessoas que já vinham armadas. Tinha uma que já morreu e ela ficava no atendimento e eu não me conformo que aquela moça ficava no protocolo recebendo as pessoas, porque assim, ela falava palavras de baixo calão a qualquer hora e para qualquer um ali. Eu falava: “Nossa, o que é isso!”. Os diretores pareciam que tinham medo de chegar e colocá-la à disposição. Ela trabalhou lá até quando ela quis, depois eu não sei se ela pediu para ir embora, mas ficou lá até quando ela quis e as pessoas não... É outro tipo de trabalho e outro tipo de visão.

**DP:** E você, essa sua relação com o livro, você acha que, nesse longo período na Biblioteca, ela foi se aprimorando?

**IM:** Você vai aprimorando sim. Eu acho o livro o melhor meio de comunicação em massa, não tem coisa melhor, ele fala com você. Se você está com um livro, você não está sozinho, eu procuro passar isso para os outros. Tanto os livros como os jornais e revistas... É a mesma coisa. Eu tirei xerox outro dia, você não estava na sala, eu xinguei o tempo inteiro. Quem estava na sala? Vocês estavam no dia que eu tirei xerox da revista *Visão*? Eu xinguei o tempo inteiro porque eu não sei quem foi que pediu para tirar xerox da revista *Visão* de 58 até 62. O William permitiu e trouxe as revistas para tirar cópia. Elas estão sem a menor condição. Nossa, como eu reclamei! Eu fiquei três horas tirando cópia, mas eu fiquei três horas reclamando. Primeiro, não é da minha alçada ficar tirando cópia, eu não sou agente de apoio, eu sou assistente de gestão de políticas públicas, eu quero desenvolver o meu trabalho. Pediram para tirar cópia de uma revista de 1958, uma revista encadernada e, conforme eu abria, a revista fazia “plec”. Nossa, que dó que me deu da revista! Eu falei: “Essa revista está sendo restaurada e eu estou acabando de detonar”. Tirando xerox, ele acaba com o papel, ao longo dos anos ele vai amarelando, vai ficando sequinho e acaba quebrando só de virar a página. Eu morri de dó. Ai, que raiva! E só a parte de arquitetura. Eu falei: “Se um cara desse quer fazer um trabalho, porque ele não entra na Internet?”.





**DP:** Às vezes não tem acesso, ou a revista não tem um arquivo.

**IM:** Então vai lá na revista e diz: “Eu posso consultar?” Deve ter microfilme pelo menos, eu acho. É um despropósito, eu morro de dó.

**DP:** Então você desenvolveu essa relação de cuidado.

**IM:** De cuidado com a umidade. Outro dia eu passei por aquelas caixas de livro, aquelas que foram para a bolha<sup>3</sup>, e tinha uma vassoura ali. Eu falei: “Caramba, esses livros acabaram de sair da bolha. Como é que essa mulher me coloca uma vassoura entre uma caixa e outra?” Cheio de fungo... Eu passava e aquilo estava me incomodando. A Marluce viu e eu falei: “Marluce, vai lá e fala com a menina”. “Ah, eu não vou falar”. Mas aquilo estava me incomodando, aí eu subi e falei: “Oh, moça, lá no meio daquelas caixas tem uma vassoura. Você, por favor, tira e avisa os funcionários que entre aquelas caixas não é para colocar nada, nem papel, nem vassoura, nem pano... Nada, nada, nada. Acabaram de tirar bichos e você põe lá?” Mas as pessoas não têm esse conhecimento que eu tenho. A maioria das pessoas que está na Biblioteca também tem, elas estão há anos e já sabem disso. Então cabe a nós, não é? Chega e fala, não tem nada de mais.

**DP:** E o curso de biblioteconomia onde você fez?

**IM:** Eu fiz na FESP<sup>4</sup>. Fiz uns seis meses e depois eu desisti.

**DP:** Por que você desistiu?

**IM:** Primeiro porque não é a minha praia, embora eu goste. Eu gosto muito, mas a classe não me agrada.

---

<sup>3</sup> Uma bolha é utilizada no processo de higienização dos livros.

<sup>4</sup> Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo



**DP:** O grupo de colegas?

**IM:** É, o grupo de colegas. É um comendo o outro. Foi o que eu sempre vi desde que eu entrei na Biblioteca. É um comendo o outro e você vai se decepcionando, vai vendo e falando não...

Depois eu tentei história, mas daí o que aconteceu? O santo do meu filho, ele é muito fofinho e eu dava mamá. Eu tive que optar por ele, infelizmente. Eu devia ter dado formicida para ele ao invés de mamá. Colocava formicida no peito para ele mamar. Parei por conta dele. Aí, quando você põe o pé no chão, você tem que pagar babá, depois berçário, maternal, jardim e depois você paga o primeiro, o segundo, a faculdade e toma um pé. Então, por conta disso eu parei, mas agora eu faço um curso de artes plásticas. Tem o outro pequeno que eu espero que não me decepcione. Tive que parar, porque não dá para você pagar para três. E o meu marido é assim daquele tipo que acha que filho de mineiro... Que nem, eu sou de pai e mãe e ele também... Parece que saiu lá do meio do fundo do oceano, porque eu nunca vi um camarada mais machista que acha que mulher não tem que saber.

**DP:** Mas vocês estão juntos há tanto tempo e ele não aprendeu nada com a sua autonomia?

**IM:** Não, às vezes eu percebo que ele tem orgulho de mim. Isso eu percebo porque ele comenta com as outras pessoas, mas para mim ele acha que mulher não deve saber. Para mim ele quer passar que é machista e que eu não tenho que saber nada.

**DP:** Ainda bem que você não abaixou a guarda.

**IM:** Não, eu não.

**DP:** E o saldo do curso, o que ficou de bacana dessa experiência que você teve na FESP?



**IM:** Teve o que eu aprendi, bons professores, que nem essa de História que eu não lembro o nome. E foi aí que eu aprendi muita coisa de biblioteconomia. O pouco que eu fiquei, eu aproveitei. Eu estava pagando e tinha que aproveitar, não tinha que ficar lá flanando. Aproveitei bastante por isso. Quando a Biblioteca fechou para a primeira reforma, alguns funcionários foram para outros setores...

**DP:** Você ficou?

**IM:** Não. Eu fui porque o BP1 ia continuar comprando os livros e tinha que trabalhar os desdobramentos que eram feitos na PRODAM<sup>5</sup>. Fui para BP1, que era na Lapa, para fazer o trabalho da Biblioteca, lá. Daí o que aconteceu nesse período foi que a Marilena Chauí, que era a secretária, e a Edna Maciel, que tinha muita amizade com o marido da Marilena, quando a Biblioteca foi reabrir, que eu fui voltar, ela não deixou e, quando eu vi, já estava lá no diário oficial a minha transferência para o BP1. Aí eu fiquei um período lá, acho que uns dois anos. E, para voltar para Mário, eu tive que fazer a *via crucis*. Eu não queria ficar lá e o José Vitor era pequeno e eu fui trabalhar perto de casa. Fiquei um ano perto de casa e voltei para a Mário de Andrade. Para me castigar, a Mara me deixou... quis me castigar, mas para mim ela me beneficiou, porque tive a oportunidade de ficar dois anos na lei Mendonça, fiquei bem interada na lei Mendonça, na lei Rouanet. Agora vai até ter mudança, eu estou acompanhando, você viu?

**DP:** Ela sabe tudo. “Ela é a cara”.

**IM:** Vai ter uma mudança.

Então eu fiquei um período lá e depois eu voltei para a Mário. Fiquei uns quatro anos fora disso. Então, quer dizer, tudo é um aprendizado. Às vezes, a pessoa fala: “Eu vou prejudicar”. Ela falou bem assim mesmo: “Você quer voltar para a Mário?” O Silvio Balangio falou: “Você pode fazer o memorando dela para a Mário, já”. Ela disse: “Você vai voltar, mas você vai ficar um ano na Lei Mendonça”. Eu falei: “Tudo bem”. Aprendi até a fazer notificação, ver prestação de conta, se o

---

<sup>5</sup> Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação do Município de São Paulo



processo está tudo em dia, se o Fulano cumpriu com tudo aquilo que está lá no projeto dele, se ele seguiu as normas direitinho, se as notas estão direitinho. Quer dizer, ela não me prejudicou, ela me beneficiou.

**DP:** A Bernadete é mais suave, ela falou que a dinâmica dos funcionários entre si sempre foi muito boa, que a relação sempre foi muito boa. Eu queria a tua percepção.

**IM:** Na verdade, a relação é muito boa, mas é assim: “Oi” e “Oba”. As pessoas se identificam, tem gente que gosta mais do pessoal da torre, as pessoas se identificam. Para mim a maioria é “oi” e “oba”. Você vê, eu me dou muito com o Edécio. Quando as pessoas gostam das mesmas coisas, fica fácil conviver. Eu converso com todo mundo, falo “bom dia”, “boa tarde”, mas, se eu tiver que ir a um evento do pessoal da torre... Não é porque é o pessoal da torre, é que eu não me identifico com eles, não tem jeito, é assim: tem muita panela, muita roda e eu não gosto desse tipo de coisa, sabe? Assim, as pessoas não têm o respeito pelo outro, brigam por causa de qualquer coisa, por uma bobagem ficam sem se falar, depois, voltam a se falar. Eu não gosto desse tipo de coisa e, para evitar, eu prefiro...

**DP:** E isso você acha que sempre houve?

**IM:** Sempre houve, Nossa! Sempre houve! Agora é menos, porque não tem homem.

**DP:** Qual era a disputa? Era pelos homens, é isso? Pela atenção dos homens?

**IM:** Agora é menos, porque antes... Nossa, era uma coisa horrorosa!

**DP:** Quais eram os galãs da Biblioteca?

**IM:** O Zé Eduardo e o Luís Verdinelli eram os bons da boca. Não eram?

**DP:** A Jackie é testemunha, ela conhece todos os personagens aqui citados.



**IM:** Se eu te falar você não vai acreditar, mas até caminha eu achei lá em cima no vigésimo primeiro andar. Eu não acreditei quando eu vi. “Eu vou buscar a diretora, porque ela precisa ver isso aqui”. Até cama, com papelão atrás da última estante e um pelego. Você sabe o que é pelego? Aquele cobertorzinho que o povo anda na rua. O pelego, assim, e um outro para se cobrir. Um vestido, de cortina, para o povo do outro prédio não ver. Eu falei: “Gente, eu não acredito!”.

**DP:** Essas histórias são muito boas.

**IM:** Achei uma vez, eu não sei o que eu fui pegar... “Eu estou mandando pedido e esse jornal não vem, nunca desce. Vou ver o que está acontecendo”. Quando eu subo, a “homarada” todinha olhando no vidro, olhando uma Fulana que morava no prédio do outro lado. Ela ficava nua dançando. Eu disse: “Muito bonito! Aí peguei a sessão espírita, também. Eu já falei, não é?”

**DP:** Não.

**IM:** Funcionárias, que eu não vou falar o nome, estavam lá. Todo final de semana a diretora falava: “Vamos subir a torre”. Porque a Ana Marilza queria os livros todos assim. Ela chegava e passava o dedo. Tinha um golpe de vista que, quando ela olhava e via, já falava: “Fulano, venha cá”. E toda vez que a gente ia subir a torre, eu ligava para o pessoal para avisar e ninguém ser pego. Ela desconfiou um dia, eu falei: “Eu já vou Marilza”. Ela desconfiou e pegou na minha mão – a mesa dela, aqui, e a minha, assim – e falou: “Vamos agora, Neguinha”. Não deu tempo de eu avisar. Subimos a torre, quando a gente está descendo – acho que foi no sexto – um quartinho fechado assim: “Uum, Uum, Uum...” Na hora eu olhei para Marilza e falei: “O que é isso?” A Nina pegou a maçaneta da porta assim... Quando ela abriu, estava lá a Fulana com uma saia vermelha enrolada, com uma mão assim e um cigarro na mão, uma rosa vermelha no chão, uma garrafa de champagne e a outra consultando... A Marilza falou o nome da Fulana, eu não vou falar, mas falou o nome da Fulana: “Fulana! O que é isso aqui?” – O espírito, oh... “Já para a diretoria as



duas”. Foi muito engraçado! Uma aposentou, a outra ainda trabalha. Ela olhou para mim com uma cara e eu com aquela cara: “Eu não podia avisar”. Eu acho que a torre toda consultava, não é possível. Não deu para avisar... Essa fofa que estava consultando tinha um namorado que era casado e estava de mal... Tinham brigado... Foi muito engraçado: “Desce as duas agora, já”. Ficaram três dias suspensos.

**DP:** Isso foi quando, Ivoneti?

**IM:** Isso foi em 1987, por aí.

**DP:** Quem era o diretor na época?

**IM:** A Marilza e a diretora geral, a Nina Rosa. A Nina era brava, nossa como ela era brava! Uma pessoa de coração bom, mas, quando ela estava de veneta, nossa! Nesse dia ela ficou fora do sério. Eu não sabia se eu ria ou chorava. Que sinuca! Eu só fiz assim: “Vou fazer o quê? Não deu para avisar”. Acho que a Marilza sabia que eu avisava as meninas, porque, quando ela chegava, estava todo mundo bonitinho, sentado no lugar.

Uma vez ela foi buscar o Fulano lá no bar.

**DP:** Um funcionário?

**IM:** Um funcionário. A Marilza foi buscar lá no bar: “Agora eu vou”. Todo dia eles, na hora do almoço, eles iam para um bar ali na Galeria. Chegando lá todo mundo gargalhando e ela só... Todo mundo foi embora, para o caminho da roça. A maioria desses até já foram para o outro mundo, o único vivo acho que é o Edson. Ele estava também nesse dia, no bar.

Uma vez também teve um funcionário que foi fazer jogo do bicho e a polícia chegou e fez ele comer o jogo. A Mário tem histórias, viu? Muitas histórias.

**DP:** E em relação a diretores que tenham tido uma relação mais constante com os funcionários. A Bernadete reclamou que nos últimos anos há pouca comunicação



entre os funcionários e a direção. Você que esteve muito ligada ao corpo do gabinete de diretores, com quais você acha que teve uma comunicação maior, mais constante?

**IM:** Acho que com todos eles eu sempre tive...

**DP:** Não, mas da direção com os funcionários. Com quem os funcionários se sentiram mais representados, se sentiram mais à vontade em relação às decisões da direção? Você consegue ter essa leitura?

**IM:** Eu acho que com o Castilho. A Marilza era muito boa diretora, a Nina também, mas dificilmente a Marilza falava. Vai ter a reforma? Vai ter. Quando nós ficamos sabendo da reforma, foi comunicado, fizeram a reunião avisando que ia ter a reforma e que alguns funcionários iam para outro setor. Isso aí sim, mas quem deu mais satisfação mesmo foi o Castilho. Ele não tinha obrigação nenhuma de reunir os funcionários da torre para dizer que tinha saído o empréstimo do BID<sup>6</sup>, ele não tinha essa necessidade. Tudo que acontecia na Biblioteca, qualquer evento: “Pode, desde que os funcionários participem”. E, antigamente, não era assim, quando tinha um coquetel, um cafezinho que tivesse na Biblioteca: “Fala para os funcionários não colocarem a cara aí não porque funcionário não é para participar de nada”. E o Castilho já era o contrário. Teve uma época de frio que os diretores, ao invés de jogarem os jornais fora como na época da Ana Marilza e a Nina Rosa, um desperdício... Fez muito frio, eu não me lembro o ano. Pegavam os jornais, vendiam e compravam no Makro verduras, legumes e faziam sopas. Todo mundo tomava sopa, os diretores e todo mundo. Mas com relação à reforma, o único que deu mesmo satisfação foi o Castilho. Isso é dele mesmo. Agora, depois dele, você não sabe mais nada. Você está aqui agora: “Ah, tem que mudar porque vai quebrar aqui”. Olha, essa reforma aqui...

**DP:** Você acha que foi muito traumática? Como você vê e como você se sente?

---

<sup>6</sup> Banco Interamericano de Desenvolvimento.



**IM:** Para mim é uma tragédia. Eu não gosto de coisa nova. Acho que fugiu do estilo da Biblioteca, não tinha necessidade de ficar quebrando coisa. Você foi à torre? Um monte de vidro quebrado, sabe? Eu acho um desperdício, porque uma empresa de grande porte... Se eu vou mexer e estar passando por ali, coloca um tapume nos vidros: “Ah, quebrou, porque vai mexer no caixilho” Para que mexer no caixilho, se estão fechando os andares lá em cima e os caixilhos são os mesmos? São pessoas muito estabanadas, que cospem no chão. Eu vi bituca de cigarro no quarto andar, no chão. Dentro de uma Biblioteca uma empresa ter funcionários assim? Quer fumar, vai fumar lá fora! Eles não têm respeito pelo livro, haja vista o que aconteceu. Se a água entrou lá em cima é porque tinha vidro quebrado. E a água vem descendo a torre, quase entra nos Raros, foi aquela confusão toda, chegou a entrar um pouco de água lá. Não atingiu o limite porque nós vimos antes, mas e se fosse num final de semana? E olha que foi gente puxando água! E lá no auditório foi a mesma coisa. Por que encheu de água? Porque a empresa não é uma boa empresa. Segundo eu soube, ela está com tanta multa que vai reformar o IPESP por conta das multas.

**DP:** As multas?

**IM:** Ela foi tão multada, essa empresa! A construtora que não cumpre os contratos. Encheu o auditório de água por quê? Porque tinha um monte de saco de massa em cima do escoamento. E do outro lado também tinha sujeira. A moça até veio me perguntar assim: “Você trabalha aqui há quantos anos? É verdade que sempre entrou água no auditório?” Eu falei para ela: “Não, senhora. Não foi isso que eu disse. Eu disse que num evento entrou água no auditório porque estava cheio de folhas secas no bueiro, ali no escoamento”. Por quê? Porque a limpadora também não tomou conta, ela tem que olhar lá todos os dias para ver se não tem folhas. Tapou, encheu o auditório. Então, não gostei da reforma. Desta, nem um pouco.

**DP:** Nem um pouco?

**IM:** Por mim assim, quer mudar para o novo então muda. Pega os móveis velhos, restaura, coloca numa sala, guarda. Aquele banco maravilhoso que ficava ali nas





obras Raras está lá no IPESP estragando. Aquela cadeirona alta está lá no IPESP. Quando eu entrei na Biblioteca, aquela cadeira tinha uma correntinha e ficava em frente ao auditório, não era para ninguém sentar na cadeira. Aí até a Silvana tirou foto sentada na cadeira. Não guardam, vão jogando tudo fora. É tudo muito moderno. Não sei a torre como é que vai ficar. Porque na torre a maioria vai ser de livros raros, não é? Raros e especiais.

**DP:** Você teve alguma relação com o setor de obras raras? Perguntei para Bernadete também. Você chegou a ter a experiência de ver parte desse acervo, conhece ou já viu fisicamente? Já teve a oportunidade...

**IM:** Eu vi uma vez só esse livrinho menorzinho, que foi no ano que o homem o levou. Aí ele trouxe de volta para a Marilza, que entregou para Nelza e deu-lhe uma “carcada”, porque ela não tinha que ter saído da sala. Ela saiu da sala e, quando ela voltou, já não estava mais lá, porque era uma pessoa confiável, não é? Foi por isso que eu vi esse. Mas eu já peguei uma vez, não o livro, mas um pacote que eu nem sei o que era. Foi do roubo que vieram entregar lá. Daí o Luís Francisco me deu para que eu entregasse para o Bruno. Mas pegar, assim, nunca.

**DP:** E a relação com os bibliotecários, como é que você vê? É uma corporação muito fechada, muito difícil, com regras muito metódicas? Você conseguiu ter um bom relacionamento?

**IM:** Não sei, alguns. Parece que é assim... Eu vejo que o bibliotecário sente como se fosse o profissional mais importante do mundo. Não sei, mas eles não são salvavidas. Alguns se sentem assim: “Eu sou bibliotecário”. “Sabe, eu sou bibliotecário e eu sou AGPP”. Eu não sei por conta de que alguns são desse jeito. Os mais novos, porque antigamente não era tão assim, mas esses de agora, tem alguns que passam e só faltam passar por cima de você, parece que não te enxerga. Então eu não enxergo, eles não fazem questão de mim e eu não faço questão deles. Para mim, bibliotecário é que nem artista, pode ser quem for, está do meu lado, para mim é como eu. Não vou ficar pedindo autógrafo e ficar pagando mico para ninguém.



Não quer me cumprimentar, tudo bem. Tem uma que parece um trambolho por cima de mim, nunca fiz nada para ela e também não vou perguntar por que ela não fala comigo, porque não me interessa. Não preciso dela para nada, ela não é minha chefe e nunca vai ser, porque eu escolho o lugar que eu quero trabalhar. Se ela estiver de chefe, eu não quero.

Então eu vejo assim: o que eles fazem de tão especial para serem mais importantes que todo mundo? Sabe, é um curso que você aprende a classificar livros e distinguir o que é e o que não é um periódico. Isso aí eu também sei fazer.

**DP:** Sem o título, não é?

**IM:** É, principalmente porque hoje você tem a Internet. Só porque uma vez saiu na revista *Veja* que, se porventura soltarem uma bomba atômica, os primeiros profissionais a serem protegidos no túnel – acho que na Inglaterra num subsolo desses a prova de bomba – serão os bibliotecários e depois os enfermeiros. Os enfermeiros porque eles fazem o papel de médico e os médicos não fazem o papel do enfermeiro, e os bibliotecários por que são capazes de reconstruir a história através de qualquer tipo de documento, mas e daí? Eles não comem, não bebem como a gente?

Eu também não convivo diretamente com eles, convivo mais com AGPP. Com eles é mais um “bom dia”, “boa tarde”. Quando eu preciso ir ao processo técnico, eu vou e faço o que tenho que fazer e pronto, acabou. Também não dou moleza para eles. Se a profissão deles é importante, a minha também é. Eu elaboro um relatório, eu duvido eles elaborarem um igual ao meu. Eu sou capaz de fazer o relatório deles, agora eu quero ver eles fazerem uma notificação, fazer um ofício, não ficar esperando papelzinho, fazer um memorando. Tem uns que tem uma letra que falo: “Gente, eu não acredito!”. Tem bibliotecário que tem uma letra que o meu filho tem melhor. Eles se sentem muito imponentes e até entre eles não tem união. Só pensam em cargo, cargo... Só isso. O único que eu vi que não queria ser diretor foi o William. Ele falava que não queria, que não queria... Não teve jeito e, por enquanto... Eu nem sei quem estará no lugar dele, se é que tem alguém para ficar no lugar dele. Vamos ver com a nova reestruturação como é que vai ficar. Com essa história que



depois que mudou e passou a ser... Quando o Castilho veio para a Biblioteca, que eles deixaram o não bibliotecário ocupar um cargo que seria deles, eles ficaram pior ainda. Parece que a gente é que tem culpa do cargo ser de livre provimento do prefeito, porque é ele que determina quem é que vai ficar lá no lugar. Os bibliotecários ficaram pior ainda, porque eles não souberam lutar pela coisa. Daqui a pouco a maioria estará aposentando e virão outros novos. Você vê, os novos, a diferença dos novos?

**DP:** O que você acha?

**IM:** É gritante. São mais abertos, conversam com todo mundo. O Natan conversa com todo mundo, a Daniele conversa com todo mundo, a Aline vem toda hora dar beijinho, a Renata é uma fofa de menina, a Manú é outra. Você não vê o Aisten, ele não é um fofo, Jackeline? O Emmanuel, o Antônio, todos eles são completamente diferentes. Não é nem porque é novo, porque eles também fizeram biblioteconomia, mas já chegaram desse jeito. Os outros estão há anos sentados na cadeira com esse neurônio... Isso é coisa de gente boba: “Eu sou bibliotecário”. Nossa, que coisa de gente tonta! O Natan até abaixa, às vezes, quando eu ou alguém está no fichário, ele abaixa e pega na minha perna e me assusta. Aí eu grito, xingo... Imagina! as outras devem estar horrorizadas. A única que é mais retraída é a Alessandra, mas a Alessandra já trabalhou e eu já a conhecia de antes, ela sempre foi daquele jeito. Ela fez aquela coleção Alceu Maynard.

**DP:** Carpeaux.

**IM:** Carpeaux. Ela sempre foi daquele jeito. Não dá nem para dizer. Ela passa e cumprimenta normal, mas ela já era assim. Ela conversa, é aberta. Agora os outros são um bando de ignorantes. Passa por você e parece que você é lixo. Não era para eles tratarem os outros desse jeito, porque quem é que fica quando tem o “frentão” da Biblioteca? Nós que atendemos na referência, na sala de artes temos mais conhecimento em matéria de publicação e de assunto do que eles que ficam ali, só classificando: “Isso é isso aqui, isso aqui é isso aqui”. Sabe, a maioria dos livros já



vem, mas eles fazem uma bola de neve para pegar um livrinho, classificar e colocar na estante. O que tem de tão importante? Mais importante na Biblioteca é o atendimento, não é? E eles não estão no atendimento e quando tinha bibliotecário no atendimento que a Ilza colocava, tinha reclamação demais, um bolo assim ó!

**DP:** Sobre o mau atendimento?

**IM:** Sobre o mau atendimento, porque eles, como bibliotecários: “É lá naquela estante, é lá...” No período que eu comecei a trabalhar lá, diziam: “Você dá atendimento personalizado, não tem que abrir o livro”. Tem que abrir o livro, sim, porque, se eu não abrir o livro para ele, ele vai vir de novo me perturbar, então eu já dou na página para ele. “Mas você não pode ir até o fichário”. Posso ir até o fichário, porque aí ele vai preencher direitinho. Se eu não for até o fichário ele vai preencher errado e aí ele vai voltar aqui e eu vou ter que ir lá. Então eu já vou de uma vez.

Então, bibliotecário não é o funcionário mais importante da Biblioteca, ao meu ver. Fica lá andando. Tem uma que vou dar um chute e mandar ela para fora. Ela era gorda e emagreceu. Eu vou ficar que nem ela quando eu ficar magrinha. Ela era bem gorda, daí ela emagreceu, Nossa! Ela anda até de lado quando passa perto de mim. Eu falo: “Credo!” Mas porque ela é assim? Ela é assim comigo por conta daquele leitor safado que vem na Biblioteca e eu sei que era ela quem dava os cafezinhos para ele e ela que passava as informações para o leitor, então ela passa assim por mim. A menina de artes de vez em quando ela cumprimenta, às vezes, ela parece meio distraída, eu não sei. Mas aí ela acorda: “Oi, Oba”.

O Bruno sempre teve aquele jeitão dele. Não é que o Bruno seja arrogante, ele já entrou na Biblioteca desse jeito. Ele entrou novinho e sempre daquele jeito com todo mundo. Ele conversa com as pessoas, se tiver uma relação de trabalho, agora, dizer que ele fica de conversa com fulano, não, ele não. Ah, mas ele passa e mal cumprimenta. Às vezes ele nem vê que está entrando, porque ele fica no jornal assim. E ele sempre foi desse jeito. Como eu já sei que ele é assim, eu falo: “Oi Bruno”. Ele fala: “Oi”. Pronto, mas as pessoas reclamam, porque ele não cumprimenta. Como é que falam? “Ele é o dono das obras raras”. Coitado, eu não vejo assim. A Maria Eugênia também passa, eu não sei se ela é meio



temperamental e tem dia que ela te vê, tem dia que ela não te vê. Mas, às vezes, é preocupação. Quando a Maria Eugênia não cumprimenta, ela está sempre olhando pro chão e... quer dizer, ela está com uma preocupação. Agora os demais, Nossa, são insustentáveis!

**DP:** Ivoneti, em relação à experiência de trabalhar numa instituição tão importante como a Biblioteca, apesar de todas as dificuldades e momentos que foram mais prósperos e momentos menos prósperos, qual a sua sensação em participar do organismo de uma instituição tão importante para a cidade?

**IM:** Eu acho bom porque eu contribuí muito, auxiliei várias pessoas, aprendi muito também. Acho que eu mais aprendi do que contribuí. Em 28 anos você aprende muita coisa. Fiz novas amizades, imagina que eu um dia ia sonhar na minha vida de ficar do lado da Marilena Chauí e outras pessoas importantes para a história do país, como José Murilo de Carvalho, que é o máximo na área dele, o Foot, com todo seu conhecimento e arrogância, mas eu dei um chega para lá nele falando que eu era efetiva e não tinha entrado pela janela e que amanhã ele ia embora e eu ia continuar. Isso eu falei para ele, estou falando para você, porque eu falei para ele. A Marfísia não gostou muito porque ela achou que eu estava o desrespeitando, eu falei: “Eu não estou desrespeitando, ele só vem assinar o ponto enquanto eu estou aqui o dia inteiro trabalhando”. Por conta de um erro dele, ele me chamou a atenção. Pude conhecer a arrogância do cunhado do Foot. Aí eu falei: “Tá explicado, então”. Que é o... é um marxista.

**DP:** O Marco Aurélio?

**IM:** Não. Esqueci o nome dele. Ele é o maior conhecedor de Marx, segundo o Foot dizia, porque era cunhado dele. Esqueci o nome dele, é um cara muito arrogante.

**DP:** Você se lembra, Danilo?

**IM:** Na hora que ela falou marxista e arrogante... Sei lá, o Giannotti.



**DP:** Giannotti?

**IM:** Não. E de outro que eu não gostei é aquele Gilberto Dimenstein, outro arrogante também. O Foot também não gostava dele. Talvez por isso, o Foot não gostava dele e eu passei a achar o cidadão arrogante, vai ver que ele nem era. Tive a oportunidade de ouvir, de aprimorar meus conhecimentos.

**DP:** E a tua relação com o livro? Você disse que tinha um cuidado, uma atenção, uma dedicação. Você conseguiu estabelecer uma relação constante com os livros? Fora da Biblioteca você é uma boa leitora?

**IM:** Eu sou.

**DP:** Você empresta muito da Biblioteca?

**IM:** Na verdade eu tenho em casa. Outro dia eu fui à Adelpha e tinha uns livros lá e eu já catei.

**DP:** Quais os livros que te interessam? Que tipo de literatura?

**IM:** Eu gosto de tudo.

**DP:** Você vai atrás?

**IM:** Eu não gosto muito de ficção. Eu gosto de tudo e muito dos escritores brasileiros.

**DP:** O que você lê mais?

**IM:** Machado de Assis, Jorge Amado, José de Alencar. Gosto de quase todos eles. Acho que não tem um que... Eu li um livro, mas eu odiei. "Cem anos de Solidão"...



**DP:** Gabriel García Marquez.

**IM:** Aquele livro me deixou mal. Nossa que livro horrível! Pode ter sido um *best seller* para quem quiser. Nossa! Eu me sentia dentro daquela casinha que aquele homem ficou o tempo inteiro, aquela casinha de cachorro. Eu fiquei muito mal, mas eu terminei de ler o livro só de raiva. Eu falei: “Eu vou terminar de ler ele”.

Eu li duas vezes o... Eu não me lembro o nome do autor. O *Olga*, eu li duas vezes e achei muito triste e passei a ter uma outra visão do Getúlio Vargas. Até então, eu tinha a visão que todo mundo tem, que a maioria das pessoas tem, 80% das pessoas tem uma visão boa. Para mim acabou, depois que eu li o *Olga*. Muito triste, muito triste mesmo, é inacreditável. E foi o livro que eu mais gostei, por ser um fato real, eu acho. Por ter sido um fato real e por ter me decepcionado. Eu falei: “Puxa, meu pai se enganou”. Porque meu pai era getulista, ele falava: “Ah, porque ele fez a CLT”. Maravilha, né? Era bom que o governo – é claro que não é interesse dele – fizesse mais de um milhão de livros e desse um para cada família para todo mundo saber quem foi o Getúlio.

**DP:** Ivoneti, você está em vias de se aposentar. Quantos anos você tem até poder se afastar da instituição?

**IM:** Eu quero me aposentar no ano que vem. Se aparecer alguma coisa boa eu não saio, do contrário, no ano que vem eu quero me aposentar e quero morar em um lugar bem longe de São Paulo.

**DP:** O que você está planejando para a sua aposentadoria?

**IM:** Estou pesquisando pela Internet. A princípio eu queria ir para Poços de Caldas, mas não quero mais. Estou vendo umas cidadezinhas fora de... Em Minas mesmo, mas do lado oposto de Poços de Caldas, para outro lado, para outras cidades. Estou fazendo pesquisas, ainda.



**DP:** Você vai continuar com suas atividades paralelas? Cozinha, Artes Plásticas...

**IM:** Vou continuar pintando meus quadros. Vou continuar pintando. Em contato com a natureza dá para pintar mais ainda. Vender, entre aspas, eu quero expor. Eu não quero vender, porque você pega amor. Agora estou pintando uma peneira que uma mulher pediu para eu pintar. Eu falei: “Peneira?”. “Eu quero que você faça uma paisagem dentro dessa peneira”. Como ela comprou um pavão dentro de uma peneira que está horrível e eu vou arrumar, a pintura está medonha, aí eu falei: “Tá bom”, e levei a paisagem para ela escolher. Eu falei: “Meu, como eu vou pintar isso aqui?”. Eu estou quase terminando a peneira, mas também estou acabando com os meus pincéis, porque ela come tudo. E é um outro estilo, você pinta de uma forma na tela, na peneira e na madeira trabalhada. Ela me encomendou também duas pinturas, gamelas de madeira. É uma outra maneira também: primeiro você pinta com o pincel tinta a óleo, aí você pega a esponjinha para ir batendo e fazendo as ranhuras. É o trabalho que eu faço e vou continuar fazendo isso. Aliás, eu estou com três gamelas para pintar para ela, é uma encomenda.

**DP:** Ivoneti, como você gostaria de ser lembrada ao sair da instituição? Quais são os teus maiores legados?

**IM:** Você pode apostar que a Biblioteca não tem um burro de carga que nem eu. Isso pode falar quem quiser porque esse título ninguém me tira. Tudo é a Ivoneti. Você já viu: eu trabalho para Joana, para Marluce, para Isabel, para o William e para a Elvira. Agora, com a mudança, o William me fez três propostas. Ele falou que eu seria a única pessoa que poderia escolher. Eu optei por trabalhar com a Manú na seleção porque é um serviço que eu gosto de fazer, seleção de livros, coisa que eu já fiz antes. Anteriormente, eu também trabalhava para a Célia lendo todos os jornais, todos os dias para tirar os livros editados. Eu lia revista *Veja*...

**DP:** Privilégio, hein, Ivoneti...





**IM:** Revista *Veja*, para ver se tinha lançamento de livros. Tudo quanto é revista que chegava eu dava uma folheada para ver se tinha lançamento. Tirava cópia e levava para a Célia. No final de semana eram três: *Folha*, *Estado* e *Jornal da Tarde*. Agora você calcula na segunda-feira o tanto de jornal que eu tinha que ler. Aí foi tirando, a Célia, depois a Elvira.

Já falei para o William que eu quero trabalhar nisso porque, como eu já fazia isso, gosto de pesquisar no Alexandria. Se lá na frente tiver uma oportunidade de pegar um outro D.A. para mim tá bom. Então eu escolhi por ficar lá, mas com certeza eles vão lembrar de mim como burro de carga porque tudo é a Ivoneti. “A Ivoneti faz”. “Ela é rapidinha”. Os jornais têm que mudar, eu estou vendo que as pilhas estão subindo, tem que levar para o IPESP. Tem um estagiário que está fazendo esse trabalho e eu é que vou ter que falar para ele: “Escuta, quando a gente vai levar esses jornais?”. Ele é estagiário, mas está ganhando e ele sabe que os jornais vão para lá. Mas eu é que vou ter que tomar iniciativa. Tudo que é trabalho fora é trabalho sujo para eles. Lembram de mim primeiro. Estavam tirando as fichinhas e a Rita achou que estava um pouco atrasado e que as meninas não estavam dando conta. No primeiro dia que eu fiquei lá, a Rita, no dia seguinte, falou: “Nossa, Ivoneti, você tirou num dia o que as meninas não tiraram em um mês”. Então quer dizer... Tem que fazer pedido de material, tem. Antigamente cada setor não pedia o seu? Agora inventaram de um pedir para todos. Olha o disparate! A Isabel está na Adelpha e ela também tem computador. Então eu tenho que pedir o material da Isabel, da Marluce e da Joana. Aí o que acontece? A Isis manda para mim pelo e-mail, quando chega aqui, eu tenho que imprimir e mandar para o Zé Carlos. Ele entrega lá para a Isis e o da Joana e da Marluce eu junto num só. O da Isis tem que corrigir, porque ela manda... Eu mandei a folha para ela com a relação de materiais com os códigos. Ela não coloca os códigos. Aí eu tenho que fazer de novo e colocar os códigos. Eu sou ou não sou o burro de carga da Biblioteca, trabalhando para esse monte de gente? Eu duvido que a Biblioteca vai ter um outro funcionário tão trouxa que nem eu. Eu sou a primeira a falar: “Você não faz isso, não”. Eu falo isso para os novos: “Deu o seu horário, você vai embora, não fica não, senão você vai ficar que nem eu. Sabe, não é o seu serviço, não faz. Vai ficar que nem eu”. A pessoa acostuma. Teve uma diretora que eu trabalhava antes, eram



duas diretorias no mesmo setor. Eu comecei a fazer o rascunho do relatório para uma diretora por uma cortesia, ela estava com muitos problemas e eu comecei a fazer. Depois começou a me cobrar, eu falei: “Espera aí, eu não sou sua funcionária não, eu fiz por cortesia, não é a minha obrigação. O relatório é seu e eu faço o meu”. Então quer dizer, eu fui boba antes, agora eu não deixo os novos serem, não. “Você faça o seu trabalho para não ficar: faz aqui, faz aqui. Você não tem oportunidade de subir. Você percebe? Porque, se eu te der um cargo, como você vai trabalhar para cinco seções ao mesmo tempo, como eu vou te dar um cargo para você ficar só ali?” Eu não pensei nisso antes, mas agora eu alerto os outros.

**DP:** Apesar dessa sua sobrecarga, para a gente finalizar, gostaria que você falasse um pouco da sua relação afetiva com a Biblioteca, que eu acho que é muito forte. Você se disporia a fazer tudo isso se não tivesse uma relação de amor aos livros, à própria Instituição e ao que ela representa para a cidade. Eu queria que você finalizasse, falando um pouquinho disso. Apesar de todos os obstáculos e adversidades, eu acho que tem alguma coisa que é tão forte que te manteve vinculada a ela durante 28 anos e contribuindo decisivamente para o desenvolvimento da Biblioteca.

**IM:** Eu acho que eu me desenvolvi tanto nisso. Eu acho que eu me empenhei tanto nisso que eu não gosto de ver o nome da Biblioteca estampado no jornal por isso ou por aquilo outro. Então eu sempre procurei fazer para não... Sabe? Coisas que vão gerar coisas lá fora. Você atende mal um leitor, ele vai reclamar lá para o Secretário, vai reclamar não sei onde. Então, quer dizer... Talvez isso seja na Biblioteca... Nem em mim e nem no público, mas pelo respeito pelo público, mas assim, quando a Biblioteca está envolvida e vai para o jornal, os funcionários vão todos juntos. Que nem a história do roubo, que eu fiquei muito magoada quando todos os funcionários viraram suspeitos. “Não, não são”. Eu falei assim: “Eu não fui e tenho certeza que a minha irmã não foi. Então, todos não são suspeitos, alguns são suspeitos”. Eu nunca nem pus os pés na Artes, lá em Raros, por que todos são suspeitos? A minha irmã nunca pôs o pé lá, como ela poderia ser suspeita? Suspeito é quem tem contato



direto com a... Acho que não ficou legal essa colocação. Fiquei muito magoada com essa história, mas acho que é isso.

**DP:** Eu queria te agradecer muitíssimo o teu depoimento, as tuas memórias, as suas colocações. Foi um depoimento muito importante e ficamos muito lisonjeados de acabar o projeto com vocês funcionários. Obrigada, Ivoneti.

**IM:** Legal. Obrigada eu.

